



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
CURSO DE FILOSOFIA**

IVONETE FERREIRA DE SENA

O ENSINO DE FILOSOFIA COMO PROBLEMA FILOSÓFICO.

**Palmas – TO
2020**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
CURSO DE FILOSOFIA**

IVONETE FERREIRA DE SENA

O ENSINO DE FILOSOFIA COMO PROBLEMA FILOSÓFICO.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins – UFT, válida como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Filosofia, elaborada sob orientação da Profa. Ma. Catherine Melo Alves.

**Palmas – TO
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- F383e FERREIRA DE SENA, IVONETE .
O ENSINO DE FILOSOFIA COMO PROBLEMA FILOSOFICO: O ENSINO DE FILOSOFIA COMO PROBLEMA FILOSOFICO . / IVONETE FERREIRA DE SENA. – Palmas, TO, 2020.
52 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Filosofia, 2020.
Orientador: CATHERINNE MELO ALVES
1. O PROBLEMA DA HISTORICIDADE NOS CURSOS DE FORMAÇÃO ACADÊMICA. 2. A FILOSOFIA COMO CRIAÇÃO DE CONCEITOS. 3. OS DESAFIOS DO PROFESSOR RECEM-FORMADO. 4. ROMPENDO COM OS MÉTODOS TRADICIONAIS. I. Título

CDD 100

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

O ENSINO DE FILOSOFIA COMO PROBLEMA FILOSÓFICO.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins – UFT, válida como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Filosofia elaborada sob orientação da Profa. Ma. Catherine Melo Alves.

Aprovado em ___ de _____ de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador
Universidade Federal do Tocantins

Prof. (a) Examinador (a)
Universidade Federal do Tocantins

Prof. (a) Examinador (a)
Universidade Federal do Tocantins

Palmas – TO
2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meu esposo Gabriel Pinto da Silva e minha filha Amanda Sena da Silva, que me representaram em casa, cuidando de minha filha Isabella com apenas quatro meses de vida quando iniciei a faculdade. Eles foram meu sustento, minha base na conquista desse sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me guiou até aqui, a meu esposo Gabriel e minhas filhas Amanda, Alice e Isabella, a minha mãe do coração Eliana da Silva Gomes, que sempre me incentivou a nunca desistir dos meus sonhos, a minha mãe querida Maria Ferreira de Sena, negra, pobre e analfabeta. Ela não está entre nós, mas em vida e com apenas conhecimento de mundo batalhou muito para criar os dez filhos apenas com esforço de seu trabalho e sempre nos incentivou a buscar nossos objetivos e estudar para não sofrer igual a ela sofreu sem estudos.

A todos os irmãos e sobrinhos, a meus amigos Joyce Camila e Francisco Damiana que me alertou sobre a lista de chamada da UFT, em especial a minha amiga Joyce Camila que sempre esteve comigo nos momentos mais difíceis.

Ao professor Marco Aurélio, que me apresentou Silvio Gallo e trouxe para sala de aula uma filosofia diferente e em todas suas aulas nos dava dicas de aulas, “nos preparando” para os desafios a serem enfrentados em sala de aula. Ao professor João Paulo Vilas Bôas que iniciou a orientação do meu trabalho e em especial a professora Catherine que aceitou a dar continuidade, com dedicação, sempre atenciosa, prestativa e com sua experiência contribuiu na conclusão desta pesquisa.

*“Militar é agir, pouco importa as
palavras, o que interessa são os atos”.*

Sílvio Gallo

RESUMO

O objetivo com essa pesquisa foi fazer uma abordagem sobre a prática do ensino antigo de filosofia e por ela ainda ser presente no ensino médio, buscamos trazê-la como problema filosófico, para que assim nós futuros professores possamos refletir sobre esse modelo de ensino e poder proporcionar aos alunos uma nova perspectiva para a prática da filosofia em sala de aula. Devido ter participado do projeto residência pedagógica e por ela exigir uma permanência maior na escola, a residência permitiu a nós(residentes) aproximarmos da realidade da escola, realidade dos alunos, os problemas vividos por eles, como do contexto da escola, da comunidade, do bairro, formação do professor de filosofia, dentre outros. Assim propomos trazer como fonte dessa pesquisa, a prática do ensino de filosofia antigo de filosofia adota em sala de aula, como também a dificuldade do professor em propor novas práticas, assim como, os problemas enfrentados por eles diante desse modelo de ensino que mais afasta do que aproxima, proporcionando o desinteresse dos alunos para as aulas de filosofia.

Palavras-chave: Filosofia. Conceito. Criação. Metodologia. Emancipação.

ABSTRACT

The aim of my research was to approach the practice of ancient philosophy teaching because it is still present in high school and bring it as a philosophical problem, so that we future teachers can reflect on this teaching model and provide a living philosophy. Because she participated in the pedagogical residency project and because it requires a longer stay at school, it allowed us (residents) to approach the reality of the whole common school, the students' realization and the problems experienced by them, the context of the school, the community, neighborhood, formation of the philosophy professor, among others. Thus I proposed to bring as a source of my research, the practice of teaching ancient philosophy of philosophy adopts in the classroom, as well as the difficulty of the teacher in proposing new practices, as well as the problems faced by them in the face of this teaching model that most distances them of what it approaches, providing students with a lack of interest in philosophy classes.

Keywords: Philosophy. Concept. Creation. Methodology. Emancipation.

Sumário

1.INTRODUÇÃO	11
2. Os problemas do Ensino de Filosofia no Ensino Médio.....	12
2.1 O PROBLEMA DA HISTORICIDADE NOS CURSOS DE FORMAÇÃO ACADÊMICA	14
2.2 Os Desafios do Professor Recém-formado.....	16
2.3 Os riscos do Ensino de Filosofia Conteudista.....	18
2.4 Quem são os Professores de Hoje?.....	19
2.5 As Dificuldades dos Alunos e dos Professores Formados em outras na Leitura de Textos Filosóficos.....	21
2.6 Os Desafios do Ensino Diante Meios Tecnológicos.....	22
2.7 Os Recursos Tecnológicos a Favor do Ensino de Filosofia.....	23
3. A FILOSOFIA COMO CRIAÇÃO DE CONCEITOS	25
O Aluno como Criador do Conceito, a Garantia da Emancipação do Pensamento do Aluno.....	26
3.1 ROMPENDO COM OS MÉTODOS TRADICIONAIS.....	27
4. O NOVO MÉTODO E A ESCOLA	29
4.1 A Escola e a Experiência Pedagógica.....	30
4.1.1 <i>A Infraestrutura da Escola</i>	31
4.1.2 Principais Problemas do Ensino de Filosofia na Escola.....	34
4.1.3 Desvalorização do Professor.....	36
4.2 Deficiência Econômica e Social.....	38

4.3 Professores Formados em Área Distintas da Filosofia.....	40
4.4 Redução da Carga Horária.....	42
4.5 Ensino Arcaico.....	43
4.6 O método do Silvio Gallo como resposta para Escola.....	45
5.Sensibilização, Problematização e Conceituação.....	48
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
FICHA CATALOGRÁFICA.....	52

1. INTRODUÇÃO

No primeiro capítulo desse trabalho abordamos a precariedade do ensino como um todo, enfatizamos os problemas decorrentes de um modelo antigo do ensino de filosofia adotado pelos professores no ensino médio. Como também as dificuldades do professor em aproximar os alunos da filosofia, diante de um ensino conteudista, estruturalista ser recorrente de sua formação, com um ensino voltado apenas a história da filosofia que não aproxima os alunos do contato com a filosofia.

É visível a dificuldade desses professores em propor novas práticas de ensino e muito das vezes diante de texto filosóficos um pouco mais complexos, tendem a dificultar na explicação para os alunos e também propor novas práticas e até mesmo releitura de textos tendem a dificultar o ensino, pois diante de um déficit de leitura ainda presente nos alunos a releitura de um simples texto torna-se um problema com essa prática. Porém o uso da tecnologia é uma ferramenta muito utilizada e adotado pelos professores em sala de aula, por ser é uma maneira de aproximar os alunos para as aulas e também chamar atenção dos alunos para a filosofia.

No terceiro capítulo buscamos trazer os problemas do ensino de filosofia que está presente no Ensino médio assim propomos trazer a metodologia de Gallo, um ensino com criação de conceitos, onde permite os alunos a criar os próprios conceitos e o professor se coloque apenas como orientador.

No quarto capítulo buscamos trazer uma possível resposta com a metodologia de Gallo para o problema do ensino de filosofia da Escola. Conforme Gallo, esse problema é decorrente também da formação dos professores, por eles terem sido formados com um modelo de ensino estruturalista. Diante dessa problemática no decorrer do texto, o autor vem mostrando caminhos para os professores adotar em sala de aula, com práticas e abordagens para o ensino de filosofia em sala.

Esse modelo proposto por Gallo para o ensino muda a visão não só do professor de filosofia, mas também daquele professor que não é formado em filosofia, por entender que o filosofar é muito mais do que vem sendo aplicado em sala de aula, por haver uma prática a ser desenvolvido com os alunos e por esse professor não ter sido preparado, capacitado para desenvolver, distancia os alunos dessa proposta da filosofia. Assim por não poder trazer proposta baseado apenas na história da filosofia, esse professor não tem como ocupar a vaga de um profissional capacitado.

Por outro lado, muda também a visão dos alunos diante da filosofia, diante das diferentes práticas adotadas pelo professor em sala e o aluno passa a ser protagonista, parte desse processo, ou seja, ele passa a criar os próprios conceitos e não é apenas observador, expectador.

Diante de vários problemas presente no ensino de filosofia dentre eles a presença de professores formados em outra área, trazer a proposta de Gallo para Escola, seria uma possibilidade, por ser possível nos depararmos com esses profissionais em sala de aula e por eles não terem contato dificultam desenvolver essa perspectiva de Gallo com os alunos.

A proposta de Gallo para o ensino de filosofia é auxiliar, guiar os professores de filosofia em suas aulas, trazendo dicas para que eles possam ir além do ensino conteudista e assim aproximar os alunos do contato com a filosofia. E aos poucos aproximá-los do filosofar, a criar os próprios conceitos e pensar por si só.

Esperamos que a proposta de Gallo para o ensino de filosofia sirva como base para os futuros professores em suas práticas em sala de aula e assim despertá-los sobre a importância de trazer uma filosofia viva, onde os alunos tenham sua própria experiência e possam ter uma relação com o conceito e assim a filosofia possa auxiliá-los diante dos problemas de mundo, pois a filosofia não é apenas um contar história ou apresentar figuras, ela está muito além do que vem sendo proposto para os alunos no ensino médio.

2. OS PROBLEMAS DO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Neste capítulo, procuraremos identificar, conforme Gallo, Porchart, Aspis, Pimenta, Sousa e Severino que nos ajudaram nessa pesquisa, a identificar os problemas do ensino de filosofia no ensino médio. Segundo Gallo, um dos problemas da filosofia do Ensino Médio começa na formação dos futuros professores, o ensino de filosofia nas licenciaturas está centrado em sua história e voltado ao pensamento filosófico, em leituras e compreensão textual, onde os alunos precisam aprender a ler textos de forma filosófica com base no movimento pensado pelos filósofos. Um ensino de uma filosofia que não tem qualquer relação com as práticas a serem adotadas pelos futuros professores ao assumirem as salas de aula. Assim os professores recém-formados ficam cada vez mais distantes de colocar em prática o verdadeiro filosofar, como uma forma de atrair os alunos para criar e desenvolver com base nos próprios problemas e ter uma relação direta com a construção do conceitual.

Quando o autor se depara como professor de Filosofia em uma universidade, e também, em uma escola no Ensino Médio, sente o despreparo diante de uma realidade completamente diferente na qual vivenciado enquanto aluno no curso de filosofia. Devido sua formação completamente historicista e não abordar as práticas do filosofar, desfavorecendo o desenvolvimento das aulas e apenas reproduzindo a história da filosofia, sem a reflexão que a filosofia nos proporciona. Temor representado pelo Porchat, enquanto formador de futuros educadores de filosofia, ao observar a castração do filosofar em métodos historiográficos.

Porque o temor me assalta é o de que, levados pela nossa segurança de que a filosofia se alimenta continuamente de sua história, tenhamos ido longe demais na prática da orientação historiográfica. Que, no louvável intuito de assessorarmos a nossos estudantes uma sólida base de conhecimentos historiográficos, de os afastarmos dum achismo inconsequente próprio dos que nunca frequentaram de perto o pensamento dos grandes filósofos nem aprenderam a dura disciplina das lógicas internas aos grandes empreendimentos filosóficos, tenhamos perdido de vista a meta que muitos desses – e de nós, também tinham – tínhamos em nossos horizontes, a elaboração de uma reflexão filosófica, a compreensão filosófica de nós mesmos e do mundo (PORCHAT, 1998, P.133).

Ensinar filosofia de forma que os alunos tenham oportunidade para desenvolver o pensamento crítico com base nos problemas reais de fatos vividos, mas também buscando na história, partindo do que já foi pensado pelos filósofos e adequar à crítica de sua própria realidade e assim permitir que o aluno desenvolva a construção do pensamento conceitual. Porém, o ensino de filosofia voltado apenas à prática historiográfica, não favorece o filosofar. Assim os professores recém-formados ao assumir a responsabilidade da sala de aula, não sabem como ensinar o filosofar, se sentem “perdidos” pela falta desse exercício, mantendo o pensamento preso à história da filosofia, e com dificuldades de pensar a realidade em que o aluno está inserido.

Gilles Deleuze afirmou que estaríamos deixando para trás as sociedades que Foucault caracterizou como sociedade disciplinares e estaríamos entrando, rapidamente, em uma nova forma de sociedade, que ele denominou “sociedade de controle”. Podemos inferir que Deleuze tomava as análises feitas por Foucault de um tipo de poder posterior ao disciplinar, o biopoder, voltado não mais os indivíduos, mas para os grandes conjuntos populacionais. Se o exercício do poder disciplinar sobre os indivíduos exigia seu confinamento em instituições (os locais de produção da disciplina), o exercício do biopoder já não prevê tal confinamento, uma vez que se dirige a toda uma população. Talvez seja dessa “abertura” que falou Deleuze ao tematizar as sociedades de controle (ASPIS, 2010, P.93).

Há uma desvalorização do ensino de filosofia, ocasionado pela redução da carga horária com aulas apenas uma vez na semana ofertada para a filosofia, inferiorizando-a das demais matérias, traz um entendimento de que a filosofia não é importante para o crescimento intelectual dos alunos. Diante de um modelo antigo para o ensino voltado para a velha política mercadológica, onde prepara o aluno apenas para ingressar no mercado de trabalho. Com essa prática ainda presente percebe-se que não é interessante que o aluno desenvolva conhecimento crítico e ético diante da realidade de mundo, e não tenha a percepção sobre direitos que possui na sociedade, com intuito de conhecer apenas os “deveres” ditados pela ordem.

Essa prática aplicada no Ensino Médio é um retrocesso para ensino, voltado ao modelo tecnicista, um ensino mecanizado onde prepara os jovens para “servidão” nas grandes indústrias e comércios, assim o indivíduo fica a serviço da ordem controladora. Onde a lei da oferta e da procura cada vez mais exigente, dita as “ordens” na busca por mão de obra cada vez mais qualificada.

Diante de um sistema capitalista manter “controle” sobre a sociedade, com geração de empregos imediatos, e pôr a Filosofia não buscar essa finalidade mercadológica, nem utilitarista, passa a sensação ilusória de que não “serve” a ninguém.

Penso que se a filosofia pode, de fato, contribuir para o exercício da cidadania e mesmo para sua construção, ela não pode e não deve ser limitada a isso. A sua justificação deve se dar pelo papel que apenas ela pode desempenhar no processo de formação dos jovens. É a partir da clareza sobre esse papel que poderemos delinear as possibilidades e os limites da filosofia na educação dos jovens. E apenas depois de alguns anos em que a experiência do ensino de filosofia esteja generalizada e consolidada, é que poderemos tentar entender suas contribuições (GALLO, 2012, P.37).

Sabendo que cidadão são aqueles que possuem nacionalidades e que gozam de direitos e deveres de acordo o pertencimento dentro da comunidade como: saúde, educação, moradia, segurança, entre outros. Entende-se que, a cidadania inicia-se desde os primeiros anos de vida da criança até a fase adulta, no entanto, a educação mercadológica não direciona os estudantes a um ensino de preparo para a vida, para a cidadania, as políticas públicas educacionais pretendem preparar grande parte dos cidadãos apenas para o mercado de trabalho. A filosofia não tem a finalidade de capacitar pessoas para o mercado de trabalho, mas para o exercício do livre pensar. Por outro lado, o ensino de filosofia não pode estar centrado apenas em sua história.

Outro fator ainda presente no ensino como um todo, é a desigualdade social que afeta uma grande quantidade de pessoas em todo o país. Nas escolas públicas essa desigualdade é gritante, onde boa parte dos adolescentes enfrentam vários obstáculos para estarem presente nas escolas. Diante dessa desigualdade social, uma grande quantidade de alunos das escolas públicas, pertence a uma classe socioeconômica baixa ou em total vulnerabilidade. Assim ao atingirem a adolescência, grande parte desses alunos adentra ao mercado de trabalho, para ajudar no sustento da casa ou até mesmo garantir o próprio sustento. Essas dificuldades contribuem para a evasão dos alunos nas escolas, pois vulneráveis e sem apoio não conseguem dar continuidade aos estudos, acabam abandonando e concentrando-se apenas no trabalho para sua sobrevivência. Outros por não terem apoio dos familiares e desassistidos pelo poder público, muitas vezes entram também na criminalidade e devido uso excessivo de drogas e bebidas, entram nesse caminho sem volta.

2.1 O problema da Historicidade nos Cursos de Formação Acadêmica.

Os cursos de licenciatura em filosofia estão voltados ao método estruturalista conforme Pimenta, é possível perceber que essa “má-formação” dos futuros professores

é decorrente das práticas estruturalistas dos cursos de filosofia e que de certa forma, influencia diretamente o professor em suas práticas em sala de aula, como também contribuem na maioria das vezes para o desinteresse de uma boa parte dos alunos que acreditam em outro modo de “ensinar” filosofia.

Diante desse otimismo, em virtude da nova entronização da Filosofia no ensino médio, são postas algumas questões pertinentes. Entre as várias que podem ser abordadas, uma aqui, merecerá atenção especial. Trata-se da investigação sobre o método de M. Gueroult. Ora, esta questão não é secundária, pois a influência desta maneira de estudar e ensinar Filosofia foi, durante algumas décadas, quase hegemônica, para não dizer em sua totalidade. Se a influência de Gueroult foi determinante na formação de várias gerações de professores de Filosofia (...). Este é o cerne da questão, pois os professores já licenciados, conscientes ou não, receberam, inevitavelmente, uma formação estruturalista, salvo certas exceções (PIMENTA, 2011, P.14).

Diante dessa característica estrutural das práticas do ensino de filosofia se faz necessário aproximar os alunos da filosofia. É evidente que é necessária uma capacitação do professor de filosofia, para melhor desempenhar a proposta do filosofar no ensino médio.

Gallo propôs formar um curso de capacitação para que possa nortear os professores com novas práticas em sala de aula. Não desconsiderando os fatores históricos, partindo deles para uma reflexão filosófica. Assim, o curso de filosofia tem ganhando uma proporção e reunindo uma boa parte dos estudantes e professores já formados, mas que se veem na mesma situação (despreparo) para o enfrentamento da sala de aula.

A recusa da tradição (história da filosofia) que é a única maneira de manter vivo o legado, contribuindo criando e produzindo, só é possível a partir dessa mesma tradição: nada criarmos se não a tomarmos como ponto de partida (GALLO, 2012, P.43).

Não é que tenhamos que abandonar a história da filosofia por não ser possível, pois a história é a junção com o filosofar, não há o filosofar sem remeter a história da filosofia, assim também como não filosofia sem retomarmos a sua história, por ela ser a base para conhecermos a filosofia e para que haja o filosofar.

É importante pensar sobre as consequências. Primeiramente, há um aspecto positivo que não pode ser negado, nem minimizado, a saber, a profissionalização do ensino de Filosofia. O crescimento da Pós-graduação pode ser visto como resultado muito satisfatório da aplicação do estruturalismo no ensino de filosofia no Brasil. Todavia, diante, do que se afirmou anteriormente, a identificação entre método e finalidade, o desenvolvimento da Filosofia como pensamento autônomo que discute com a tradição ficou em

¹ Método de M. Gueroult: metodologia francesa estruturalista do ensino de filosofia (ensino voltado á historia da filosofia).

segundo plano. Os professores de Filosofia se tornaram especialistas em ideias dos outros e estranhos as suas próprias (PIMENTA, 2011, P.16).

Porém os futuros professores despreparados acabam reproduzindo a mesma prática de ensino aplicado nos cursos, repassando conteúdos e reproduzindo a história da filosofia.

2.2 Os Desafios do Professor Recém-formado

Devido os cursos de filosofia na graduação ser voltado ao fator historiográfico, o professor recém-formado, ao adentrar em sala de aula no Ensino Médio tende a reproduzir as mesmas práticas. Porém, para não cair em um processo reprodutivo, mas buscar alcançar outro resultado é preciso utilizar métodos próprios, realizando um conjunto de ações e executando práticas de ensino que se adeque a realidade dos alunos. E assim trazer a filosofia para perto do aluno, de acordo a seu entendimento, com leituras reflexivas, com práticas que facilitem a compreensão de sua realidade.

O modelo de formação do professor de filosofia que temos implantado tem levado, em larga medida, a que ele seja um “reprodutor do mesmo”. Com isso quero dizer que tendência do professor de filosofia recém-formado, ao ver-se numa sala de aula diante de um grupo de alunos, sozinho na tarefa de agir como professor, é reproduzir as experiências que ele mesmo, na condição de estudante, vivenciou em sala de aula. (GALLO, 2012, P.131).

O professor deve dirigir-se ao processo de ensino como estimulador do conhecimento, buscando sempre novas alternativas. Transformando a sala de aula em um laboratório do conceito, onde cada um e todos tenham a própria experiência. Onde o professor ignora o próprio conhecimento para aprender juntos com seus alunos, fazendo de cada dia um novo começo para a filosofia e assim seu próprio, com práticas de ensino diferente da realidade posta. E assim trazer novas perspectivas para a filosofia, ou quem sabe reinventar novas formas para chamar atenção dos alunos para as aulas, pois diante do cenário ainda existente, com um modelo antigo de filosofia levado ao conteúdo, para a explicação do professor é essa filosofia que tem sido apresentado aos alunos até os dias atuais.

O professor recém-formado tem um papel importante diante dos problemas presentes no ensino de filosofia, de buscar alternativas, propostas, para solucionar o distanciamento e o desinteresse dos alunos para as aulas de filosofia. Pois diante das velhas práticas de ensino ainda fazer-se presente, o professor recém-formado precisa fazer

a diferença, para não repetir os mesmos erros, reproduzir as mesmas práticas, mas fazer um novo caminho ou o próprio caminho e começar do zero.

Mesmo que sua formação tenha sido voltada ao método estruturalista, direcionado apenas á história da filosofia, o professor recém-formado ao assumir sala de aula, deve estar preparado para buscar outras práticas de ensino e aproximar os alunos do contato com o filosofar. Trazer para a sala de aula novas perspectivas para a filosofia e não aceitar o que vem sendo aplicado pelos professores, com velhas práticas de filosofia na qual os alunos estão habituados. Propondo uma filosofia viva, reflexiva onde os alunos tenham capacidade de pensar e com base nos problemas do cotidiano, ter um contato direto com o conceito, assim o professor busca a história da filosofia para junto com os alunos compreender a realidade e os acontecimentos vividos.

Precisamos, assim, investir no devir-criança do professor de filosofia. Em seu processo de formação, a princípio, o professor de filosofia é visto com o camelo: aquele capaz de tudo carregar, de aceitar o peso do dever, de aceitar o “peso da sabedoria”. O professor-camelo é aquele que tudo sabe, que tudo explica, que a ninguém emancipa, nem a si mesmo. Mas ele pode ir para o deserto, enfrentar seu próprio deserto, e fazer-se leão. O professor-leão é aquele que tem a coragem de dizer não, para negar o instituído e as instituições, para afirmar sua própria liberdade. Mas aonde isso leva? A potência do leão só faz sentido se a negação levá-lo ao devir-criança. O professor-criança é o mestre ignorante, aquele que pode instaurar um sempre novo começo, fazendo da filosofia uma experiência viva, criativa (GALLO, 2012, P.138).

O professor recém-formado em sala de aula deve insistir e persistir para trazer uma prática com o conceito, onde os alunos percebam a importância da filosofia na escola. O professor deve fugir das velhas práticas que vem sendo aplicada, não aceitar o que vem sendo colocado, mas agir entre quatro paredes juntos com seus alunos e desenvolver habilidades para consolidar o conhecimento, trazer para sala de aula uma filosofia que contribua para a vida e para que os alunos consigam entender os problemas que nela surge, ajudando-os a compreender, a orientá-los e diante das possibilidades possíveis buscarem resolver os problemas.

Professores de filosofia, precisamos acreditar no mundo e gerar acontecimentos. Usar nossas aulas como trincheiras, como espaços de resistência. Fazer da sala de aula, esse espaço de solidão, um agenciamento coletivo capaz de promover articulações e a circulação dos conceitos, produzindo autonomia, que é a única coisa que permite o enfrentamento da máquina de controle (GALLO, 2012, P.32).

O professor junto com seus alunos deve criar caminhos para a filosofia, trazendo-a para perto, para a realidade e os problemas vividos pelos alunos e agir em surdina para fugir da filosofia enciclopédica, vista como peça de museu e assim propor uma filosofia

viva, onde os alunos tenham contato com o próprio conceito e pensem filosoficamente de acordo com a singularidade e particularidade de cada um.

2.3 Os riscos do ensino da filosofia conteudista.

O modelo de ensino de filosofia que vem sendo aplicado com aspecto histórico torna-se pouco interessante aos alunos, onde grande parte não conhece a filosofia e não foi apresentando-a, por ela ainda ser estrangeira do contato propriamente filosófico com os alunos. Essa prática da filosofia incorre do problema da reprodução de uma filosofia voltada à abordagem histórica e reprodutiva, que por sua vez, os professores recém-formados tendem a repetir em sala.

Devido o método enciclopédico ser muito utilizado pelos professores em sala de aula, não permite aos estudantes aprenderem a pensar filosoficamente. Assim, dispõe o Gallo:

Em busca de um mapa conceitual tomando essa definição como princípio e problematizando o que é comum vermos em aulas de filosofia no ensino médio, o estímulo à discursão e ao debate”.

[...] E como o que importa na filosofia é o fato de que ela é uma “atividade”, um ato de criação, defendi que não basta ao professor dessa disciplina no ensino médio ser alguém que apresente os conceitos aos estudantes, mas é importante que ele seja uma espécie de mediador da relação direta de cada estudante com os conceitos. (GALLO, 2012, P.15).

O que se vê em sala de aula é uma filosofia completamente deslocada, baseada em explicações do professor e às vezes levada a debates (por uma minoria de professores), onde os alunos não entendem a proposta colocada nos textos para reconstruir novamente, acabam fazendo críticas irreflexivas. Por não estarem habituados para essa complexidade com os textos filosóficos, os alunos não entendem e não conseguem ter contato com a filosofia, pois os textos exigem um esforço ao pensamento. As práticas adotadas pelos professores não direcionam para um ensino ativo com criação conceitual, por ainda está agarrado ao modelo estruturalista, com as velhas práticas e não se coloca como mediador do conhecimento, aquele que faz ponte entre o saber e juntos com seus alunos pensar filosoficamente.

[...] na França, comecei a elaborar a ideia de um “método regressivo” para o ensino de filosofia. Segundo tal método, com base nos conceitos criados por um filósofo, poderíamos regredir aos problemas que o mobilizaram a tal pensamento, de modo que os estudantes possam compreender o processo do pensamento e da criação em filosofia (GALLO, 2012, P.16).

Um ensino de filosofia que não centre somente em correntes filosóficas, com apresentação de texto e explicações e os alunos presos ao ponto de vista do professor.

Fazendo um processo regressivo na história com base nos conceitos já criados pelos filósofos, onde os alunos possam pensar nos problemas vividos do seu cotidiano, mesmo que esses problemas não apresentem com a mesma complexidade de décadas atrás, vivida pelos filósofos, tão pouco com a mesma proporção, mas serve de base para os alunos pensar nos problemas reais e não apropriar-se apenas da histórica.

É possível o professor trazer os problemas vividos pelos filósofos e compará-los com os problemas atuais, vividos pelos alunos, para que em contato direto com o objeto, problema, compreendendo o processo criem e pensem conceitualmente.

É importante que com base em seu conhecimento, o professor de filosofia mostre, guie para possibilitar ao aluno a pensar, criar e desenvolver os próprios conceitos.

2.4 Quem são os professores de filosofia hoje?

É visível a falta de profissionais capacitados nas áreas específicas, na matéria de filosofia essa falta é significativa, pois uma boa parcela de professores que atuam nas aulas de filosofia no Estado do Tocantins, não teve nenhum contato com a filosofia. Para cumprimento da matéria nas escolas essas vagas são preenchidas por profissionais formados em História, geografia, dentre outras, muito das vezes para complementação de carga horária, ficando os professores de Filosofia sem essa oportunidade de regência. Devido à falta de contato com a filosofia e prática específica para seu ensino, esses professores trazem para sala de aula uma filosofia que não aproximam os alunos do filosofar.

Por essa deficiência no ensino de filosofia está presente em sala de aula, com professores formados em áreas distintas e quando são formados, não há uma quantidade de professores que se comprometem a trazer uma filosofia viva, com práticas que aproxime os jovens do filosofar. A filosofia na escola ainda é colocada como uma matéria qualquer, sem nenhum interesse com o filosofar, por não haver uma especificidade para o ensino de filosofia. Uma filosofia que na grande maioria, fica aquém, levado a contar história e expor figuras, por não haver uma prática, e nem comprometimento de como o professor deve se apresentar a ela. Assim a prática filosófica tende a não concretizar diante das dificuldades desses professores, tanto na compreensão dos textos filosóficos, como em trazer para a sala de aula uma filosofia viva. Diante dessas práticas não filosóficas, fica impossível os alunos terem o contato com o filosofar.

O professor de filosofia no ensino médio diante da proposta filosófica, não pode limitar-se a simples leituras de livros e textos da história da filosofia, cabe junto com seus alunos ir muito mais além, fazendo da aula de filosofia mais do que uma simples aula com a qual estão acostumados.

O professor de filosofia em suas aulas precisa “criar uma ponte” entre o saber (professor) e não saber (aluno) e se colocar em posição de igual com seus alunos, para juntos acontecer o processo do filosofar, tomando os problemas vividos, e assumir o próprio conceito para o esforço do pensamento conceitual e tão logo a emancipação intelectual dos alunos. Porém, a filosofia que se apresenta aos alunos nos dias atuais é uma filosofia completamente distorcida da proposta filosófica e da realidade dos alunos.

Penso que a filosofia traz, intrinsecamente, uma “ensinabilidade”; a relação de ensino, a relação mestre-discípulo é uma constante na história da filosofia. Assim, saber filosofia precisa ser saber ensinar filosofia e domínios estritamente filosóficos, com a problemática do ensino; em suma, é preciso fazer uma “filosofia do ensino de filosofia”. Contudo, certamente o professor de filosofia não pode prescindir dos conhecimentos específicos da área de educação. Ele precisa dominá-los e articulá-los com os conhecimentos filosóficos, de forma transversal (GALLO, 2012, P.124).

A filosofia que se faz presente no ensino médio, adotada por uma pequena parte de professores em sala deixa a desejar, com aulas que não chega a ser expositivas e nem explicativa. Essas aulas adotadas por uma pequena quantidade de professores, que propõem apenas em colocar os textos ou os livros didáticos, para que os alunos respondam os questionários e utilizado pelos professores como “trabalho” para corroborar com a pontuação para que os alunos não sejam “reprovados” na matéria. Diante disso percebe-se que o professor ao insistir nessa prática de ensino conteudista e não adotar outra proposta filosófica para aproximar os alunos, e envolvê-los no processo de pensar filosoficamente, tende distanciar os alunos do criar e fabricar os próprios conceitos.

2.5 As dificuldades dos alunos e dos professores formados em outras áreas na leitura de textos filosóficos.

Um dos maiores desafios enfrentados no ensino médio é a falta de qualidade do ensino de filosofia, por ainda existir uma grande quantidade de professores em sala que não são formados na área, acaba contribuindo para o desinteresse dos alunos nas aulas de filosofia. A falta de qualidade do ensino de filosofia na maioria das vezes está associada

a esses dois fatores, a não formação filosófica e ao processo de formação do professor de filosofia historicista.

Outro fator predominante é a prática de um ensino engessado de filosofia adotado pelos professores do ensino médio, voltado para o enciclopedismo, muitas das vezes esse professor concentra no livro didático e na história da filosofia por ser a única prática conhecida. Diante dessas práticas, os alunos tendem a responder questionários propostos pelo professor, abstraindo resposta do livro e em grande parte essa é a única prática adotada pelos professores. Essa filosofia apresentada aos alunos torna-se estrangeira e sem nenhum contato com ela mesma.

Diante das dificuldades de leitura recorrente no ensino médio, o texto baseado no pensamento filosófico e em sua transmissão torna-se de difícil compreensão por parte dos alunos e dos professores não formados na área, que tendem a inutiliza-los. Grande parte dessa prática é apenas para facilitar a aplicação das provas objetivas, por essa prática ser muito utilizada pelos professores, torna a filosofia pouco interessante e com uma ideia de mais um “peso” para o aluno livrar-se.

Para enfrentar esse problema, penso ser necessária uma transversalização de áreas: não se pode tratar o professor de filosofia como um professor “em geral”; não basta um conhecimento “técnico” de como dar aulas ou mesmo conhecimentos teóricos do campo educacional para, agregados a conhecimentos específicos em filosofia, formar um bom professor de filosofia (GALLO, 2012, P.123).

As áreas de formação diferenciam umas das outras, mesmo sendo voltada para a mesma finalidade a educação aqui colocada, é importante que o professor exerça apenas na área para qual foi preparado. Pois os professores formados em outras áreas do conhecimento, mas que mesmo assim se comprometem em ministrar aula de filosofia, quando em contato com os textos filosóficos, não conseguem interpretar com a mesma exatidão e com o mesmo entendimento que os professores formados na área, levando os alunos ao distanciamento da filosofia. Enquanto o professor formado enfrenta dificuldades em sala de aula, essas dificuldades tendem aumentar com o professor com formação em outra área, por não coincidir com as mesmas práticas de ensino no processo formativo, pois não basta ter apenas técnicas de aulas sem o conhecimento para ela.

Diante do déficit de leitura preexistente no ensino médio, e parte dessa deficiência ser decorrente a falta de prática dos alunos com a leitura, que decorre dos anos iniciais. O aluno tende a trazer essa deficiência para ensino médio e aumenta, diante das dificuldades

dos textos, da precariedade do ensino de filosofia por fixar-se em livros didáticos e trabalhos, estimulando os alunos para uma prática não filosófica.

Devido o modelo adotado pelos professores ser historicista, permite aos alunos a utilizar o método “decoreba” diante dos textos colocado pelos professores, com intuito de facilitar a compreensão dos alunos com respostas exatas diante das provas objetivas.

2.6 Os desafios do ensino diante meios Tecnológicos.

Diante da modernidade em que a sociedade está inserida com os meios tecnológicos, cheio de “facilidades”, as pessoas estão aparentemente reféns da tecnologia, com isso elas tendem a não se reconhecerem mais em si mesmas como parte do processo do conhecimento, já não conseguem ter opiniões próprias, pensar por elas mesmas, diante de várias informações já prontas que são bombardeadas a todo instante.

Vivemos em nossas salas de aula um aspecto dessa aceleração de que nos fala Lipovetsky. Onde está o tempo para a leitura, o tempo para a meditação, para a reflexão? Tudo são fluxos cada vez mais acelerados, o padrão das edições aceleradas de imagens que vemos em canais como MTV e nos programas para adolescentes, como se a vida fosse um eterno videoclipe, uma sucessão de zappings nervosos no controle remoto. Tudo é fruição imediata, sem tempo para o pensamento organizado (GALLO, 2012, P.23).

Percebe-se também que essa modernidade está atingindo as salas de aulas, onde o professor disputa atenção dos alunos com a tecnologia, diante dessa problemática não há tempo para leitura, foliar os livros perdeu o sentido, as bibliotecas já não são tão disputadas e a tecnologia aos poucos ocupa o espaço para as pesquisas por serem atrativas e rápidas. Assim como a tecnologia, as opiniões generalizadas dão lugar ao pensamento, por serem fáceis e prontas, nos agarramos a elas para fugir do esforço ao exercício do pensamento. Porém, diante deste cenário o professor deve lutar contra essas opiniões e usar a tecnologia a favor do ensino de filosofia, com recursos tecnológicos que fazem parte do cotidiano dos alunos, uma forma de atraí-los para a filosofia e não ignorando o que se passa no cotidiano e no mundo.

Praticar filosofia, ensinar o exercício filosófico em nossos dias é, pois, uma segunda resistência: a resistência contra a opinião, que anuncia pôr ordem no mundo. O exercício filosófico é assim um exercício de desestabilização, de saída da falsa segurança na opinião e de mergulhar no caos do não pensamento para, pensando, produzir equilíbrios possíveis, sempre instáveis, sempre dinâmicos (GALLO, 2012, P.25).

Devido à filosofia consistir em criar, inventar e produzir conceitos, segundo o autor, uma das grandes dificuldades que o professor enfrentará em sala de aula é trazer a uma filosofia do conceito, pois diante das facilidades dos meios tecnológicos e das opiniões, dificulta os alunos o esforço ao exercício do pensamento. Diante disso, o professor faz um engajamento da tecnologia com a filosofia, mesmo os alunos estando o tempo todo conectado em suas particularidades, é uma forma de chamar atenção para fazer (esforço) do pensamento diante dos acontecimentos de mundo, problematizando-os e assim trazer para sala de aula uma filosofia produtiva.

2.7 Os recursos tecnológicos a favor do ensino de filosofia

A filosofia na escola precisa ser como um convite aos alunos para o contato com o conceito, para que eles aprendam a fazer uma relação faça no encontro com o problema. Para que essa prática em sala seja possível, o professor não pode centralizar o saber em si mesmo, explicando tudo e a todos como forma de adestramento e muito menos se colocando como um escudo frente aos os alunos, para que os mesmos não fiquem reféns desse saber. O professor pode recorrer a várias formas de práticas do ensino, por a tecnologia fazer parte da rotina dos alunos, ela servirá de apoio para o professor apostar em suas aulas, como um convite aos alunos para o contato com a filosofia.

A tecnologia tem ocupado consideravelmente um espaço na vida das pessoas, em vários setores de trabalho, para acelerar a produtividade, mas também como substituição da mão de obra. Diante das facilidades e praticidade que a tecnologia proporciona as pessoas já não perdem muito tempo saindo de suas casas para resolver coisas pessoais, mas por outro lado, não tem uma relação de afetividade até mesmo com as pessoas no seio familiar. Assim ao mesmo tempo em que ela aproxima as pessoas mesmo estando-as longe, ela afasta as que estão por perto, devido às pessoas está o tempo toda conectada, mergulhadas em um mundo idealizado, fantasiado.

Assim os jovens cada vez mais suscetíveis para esse mundo imaginário, tende a criar outras perspectivas de vida e muita das vezes ignora a própria realidade.

Assim o professor precisa estar preparado diante dos avanços tecnológicos e fazer um equilíbrio da prática do ensino, trazendo os alunos para experimentar os problemas reais e com os benefícios que a tecnologia proporciona para a prática das aulas de filosofia. O professor poderá propor aulas com uso da tecnologia, mesmo diante de um

cenário precário que muitas escolas públicas enfrentam, seja em sua estrutura, ou não, mas nunca deixar de propor novas oportunidades para o ensino de filosofia.

Por os alunos estarem o tempo todo conectados, unir a filosofia com a tecnologia, é uma forma de o professor chamar atenção dos alunos para os problemas, sensibilizando-os diante dos acontecimentos e assim fazer os alunos pensarem filosoficamente, seja com apresentação de um vídeo, por exemplo.

Muitos professores não levam em conta a experiência que os alunos já trazem consigo e não estimulam a discursão sobre o que eles aprendem em casa, na rua, na TV, no rádio, revistas e internet. Os meios de comunicação informática, revistas, televisão, vídeo têm atualmente grande poder pedagógico visto que se utilizam da imagem e também apresentam conteúdo com agilidade e interatividade. Assim, torna-se cada vez mais necessário que a escola se aproprie dos recursos tecnológicos, dinamizando o processo de aprendizagem. Como a educação e a comunicação são indissociáveis, o professor pode utilizar-se de um aparato tecnológico na escola visando à transformação da informação em conhecimento (SOUZA, 2011, p. 208).

A tecnologia em sala de aula, quando aplicada de forma criativa tende a beneficiar e complementar o ensino de filosofia, as ferramentas de mídias que podem ser utilizadas em sala, oferecem possibilidades de renovar as aulas, estimular à interação, criação, a comunicação e a informação com os alunos, tornando-as atraentes, aproximando do cotidiano dos alunos e preparando-os para enfrentar novas situações. É preciso que o professor se aproprie da amplitude do saber que a tecnologia oferece, para que possa nortear em suas práticas pedagógicas em sua mediação do conhecimento com os alunos. Porém, a tecnologia não substitui o papel do professor é apenas um apoio para o professor chamar atenção dos alunos para as práticas do ensino de filosofia em sala.

3. A FILOSOFIA COMO CRIAÇÃO DE CONCEITOS

Neste capítulo apresentaremos uma possível solução para os problemas apresentados, que partem do pensamento de Silvio Gallo que defende a Filosofia como criação de conceitos. O autor Silvio Gallo, propõe um ensino onde os alunos sejam capazes de pensar por si só, com um ensino ativo, uma filosofia viva e com base nos problemas do cotidiano ser mobilizado a experimentar o pensamento conceitual. A proposta do autor é que o ensino de filosofia no ensino médio não seja apenas uma simples transmissão de informações, mas como uma espécie de laboratório de conceito, onde cada um possa produzir mergulhado em suas próprias experiências, para que os alunos em contato com o próprio problema, não assuma problema dado para exercitar o pensamento. Onde o professor possa trazer para aula, uma filosofia ativa, com criação de conceitos levado a emancipação intelectual do aluno. Porém, segundo o autor, o professor não deve tomar esse ensino como método, por a filosofia não busca um método de ensino, é apenas uma proposta, uma indicação, em busca de um novo ensino de filosofia, para permitir os alunos a fazerem parte do processo e não serem meros receptores de informação transmitida pelos professores.

É nesse ato que faz a filosofia propriamente filosofia. Assim sendo, se desejamos um ensino de filosofia “filosófico”, precisamos desenvolvê-lo mediante o trato com os conceitos. Desse modo, minha proposta é a de que se organize a aula de filosofia com uma espécie de “oficina de conceitos”, na qual professor e estudantes manejem os conceitos criados na história da filosofia como ferramentas a serviço da resolução de problemas específicos, busquem também criar conceitos filosóficos (GALLO, 2012, p.20).

A Filosofia não é algo como a matemática que faz com que o aluno pense em resposta exata, mas faze-o pensar a parti do encontro com o problema que emergem dos acontecimentos e da experimentação, ou seja, só pensamos por que há algo que nos força a pensar, a sentir, e quando mergulhados nos problemas procuramos saídas. Uma filosofia do conceito é um ato de resistência à opinião, ao caos, um ensino voltado para uma educação menor, onde o professor agindo entre quatro paredes centralize suas aulas nos

acontecimentos dos alunos, nos problemas de seu cotidiano e permitindo-os a sujar as próprias mãos, fazendo eles mesmo, por meio de um ensino emancipatório.

Se esperarmos da filosofia uma espécie de ensino ativo, mobilizado para que o estudante seja capaz de pensar por si mesmo (isto é, um aprendizado ativo), para além das experiências em que sua atividade não é mais do que uma “reconhecimento”, como afirmado anteriormente, então é necessário que ele faça a experiência do conceito, a experiência do pensamento conceitual. Para tanto, o processo educativo deve ter por base a experiência do problema como mobilizador e motor do pensamento, para que seja possível a criação conceitual. Esse parece ser o único caminho possível para que o ensino de filosofia não seja um mero “contar histórias” e seu estudo um mero “estudar histórias” (GALLO, 2012, P.70).

Uma prática do ensino de filosofia voltada ao encontro de saberes, em que todos experimentem e criem, onde o saber não seja comparado, nem medido, mas pensado, como em um laboratório, e todos juntos produzem em busca de um único resultado, o conceito. Uma filosofia viva, produtiva com base nos problemas filosóficos para que os alunos possam compreender o quão importante à filosofia foi e é na a vida dos filósofos e para a compressão de mundo.

3.1 O aluno como criador do conceito, a garantia da emancipação do pensamento do aluno.

O ensino de filosofia não pode ser associado apenas à sua história devido o surgimento de novos problemas, mas pode o professor tomar a história como uma experiência possível e comparar com os problemas reais, vividos pelos alunos em seu contexto. Assim, o professor aposte em um ensino ativo, onde os alunos aprendam a fazer, com base nos problemas vividos pelos filósofos, comparar com os problemas atuais e no encontro com esses problemas, refletir o próprio.

A emancipação intelectual, ao contrário, consiste no exercício do direito aos próprios problemas, na experimentação sensível dos problemas singulares. Apenas assim será possível experimentar um pensamento original, “genital”, no dizer de Artraud, que seja engendrado no próprio ato de pensar. Experimentar os próprios problemas: eis a única condição para o exercício do pensamento próprio, de um pensamento autônomo não tutelado, não predeterminado (GALLO, 2012, p. 78).

Para a emancipação intelectual dos alunos é preciso partir da experiência do sensível, ou seja, tomar os problemas verdadeiros, de fato vividos, experimentados por eles para o exercício do pensamento, para que os mesmos criem com base em seus próprios problemas. Um ensino de filosofia em que os alunos tenham liberdade, autonomia ao próprio pensamento e não fiquem alheios a experimentar outros problemas, que não foram pensados e vividos por eles, mas por outrem.

A prática de ensino tem sido colocada baseado apenas na história da filosofia e na maioria das vezes na explicação do professor, por sua vez está sujeito à palavra de ordem, imposta por uma sociedade pedagogizada embasada em teorias de uma inteligência desigual, onde alguém só aprende quando outra explica, com métodos de ensinar tudo e todos.

Na aula de filosofia, é mais do que necessário romper com a visão tradicional de aula - já tão criticada, mas dificilmente abandonada -, de um espaço de transmissão de conhecimentos. Ela precisa ser um espaço no qual os alunos não sejam meros espectadores, mas sim ativos, produtores, criadores. Ela precisa, ainda, ser um espaço em que se tome contato com o “sentimento de ignorância”, do qual fala Rancière e que já citamos aqui, como abertura de possibilidade para se fazer seu próprio percurso. Mas, como vimos, não se produz conceito do nada: muitas vezes, é a própria filosofia a matéria da produção de novos conceitos. Assim, é necessário que os estudantes tenham contato, de forma ativa e criativa, com a diversidade das filosofias ao longo da história, pois ela será a matéria-prima para qualquer produção sensível (GALLO, 2012, P.93).

A filosofia de que vos fala é uma filosofia contrária a que vem sendo aplicada em nossas salas de aula, antiga. Para uma filosofia autêntica e crítica, aquela emancipadora que foge de regras e normas estabelecidas, que não aceita ordens que determine o que deve ou não ser feito em sala. Uma filosofia que cria caminhos para o pensamento, onde cada aluno seja capaz de questionar para entender o mundo e o seu próprio pensamento de forma crítica e racional, uma filosofia capaz de acabar com a ignorância por meio de um pensamento crítico, onde cada um seja livre e tenha sua própria autonomia.

3.2 Rompendo com métodos tradicionais

O autor traz uma proposta para fugir do ensino de filosofia tradicionalista, de acordo com a experiência do professor e as condições da escola e das salas de aula, o professor possa propor uma nova prática para a filosofia. Renunciando a velha prática do ensino, que tem sido impregnado para o ensino médio e que tende a distanciar os alunos da filosofia e do filosofar. Pela velha prática de ensino está cada vez mais viva e presente na vida escolar dos alunos, com uma filosofia voltada ao enciclopedismo, um ensino engessado e metodologias fracassadas e às vezes baseada na transmissão de informação, essa filosofia não oportuniza os alunos a criar e ter a própria experiência, a experimentar o pensamento.

Por essa prática do ensino de filosofia se fazer presente, propor outra perspectiva de filosofia nos dias atuais é romper com a tradição secular, antiga, estruturalista, que vem sendo adotado pelos professores de filosofia Brasil a fora.

Tomar o aprendizado da filosofia regressivamente, partindo dos conceitos para poder compreender os problemas que os suscitaram, é algo que mobiliza, no aprendiz de filosofia, a experimentação dos problemas com experiência sensível. Quando isso efetivamente ocorre, está aberto o caminho para o pensamento próprio, instigado pela experiência do problema (GALLO, 2012, P.84).

O professor de filosofia precisa propor para as aulas, uma filosofia que faça parte da realidade dos alunos, dos problemas vividos, mobilizando-os a pensar, e não agarrar-se apenas em opiniões sem uma proximidade com a filosofia, para que os alunos não vejam a filosofia como peça de museu, distante dos problemas reais. A proposta do autor para o professor é desconstruir essa prática de filosofia que vem sendo aplicada no ensino médio, e trazer para a sala de aula a história da filosofia baseado em problemas reais, vividos, para o contato com a experiência própria dos alunos.

Existe apenas uma fonte geradora, que é o conhecimento, uma ferramenta, a prática e uma mediação, a educação. O conhecimento nos permite elaborar as propostas de solução dos problemas que serão resolvidos pelas ações concretas, pela prática. Mas só pela educação nós conseguimos fazer com que o conhecimento possa tornar fecunda a prática (SEVERINO, 2011, P.1).

O professor em sala de aula precisa se colocar como o mediador do conhecimento e não centralizar o saber em si mesmo. E diante de uma prática filosófica, o professor transformar a sala de aula em uma espécie de laboratório, com trocas de experiências, e dá oportunidade a cada aluno ter a própria experiência com o conceito. Ensinar filosofia é antes de tudo o professor ter uma atitude diante da realidade e das coisas e a todo o momento inventar maneiras de orientar os alunos para o pensamento filosófico.

É importante que o professor esteja a todo o tempo, buscando melhor forma de desenvolver práticas para o ensino de filosofia, para facilitar o domínio dos conteúdos e envolver os alunos nas aulas de filosofia.

Espero que o professor de filosofia possa encontrar aqui material para seu pensamento e para sua ação nas aulas de filosofia em nossas salas de ensino médio, Brasil afora. Como afirmou Guattari, lembrando na epigrafe que abre apresentação, as palavras não importam tanto, importa a aula. Não um mapa de que caminhos seguir, mas uma bússola que possa auxiliá-lo a construir seus próprios caminhos, sem se perder na imensidão do horizonte (GALLO, 2012, P.17).

A proposta do autor é auxiliar o professor em suas práticas do ensino de filosofia em sala de aula, onde ele possa utilizá-la como guia para orientar nas diferentes práticas a serem abordadas em sala, com intuito de aproximar os alunos do contato com a filosofia e o manejo com o conceito, para pensar filosoficamente, e fazer seu próprio caminho. Para que as aulas de filosofia sejam como um convite para os alunos ao esforço do

pensamento, onde o professor seja apenas um mediador do conhecimento, que aponte, direcione os alunos, para que os mesmos possam compreender o processo.

4. O NOVO MÉTODO E A ESCOLA.

Neste capítulo apresentaremos o método do Silvio Gallo como uma possível resposta a ruptura do ensino arcaico de Filosofia e como pode ser uma solução para Escola, onde através da experiência com a Residência Pedagógica foi possível observar. Gallo propõe caminhos para um novo ensino de filosofia, onde o professor possa adaptar em suas aulas e de acordo com a experiência e as condições das salas de aula, os professores possam colocar em prática uma nova filosofia e possa renunciar as velhas práticas do ensino de filosofia que está impregnado nas redes públicas de ensino. Mas precisamente nessa escola, objeto de estudo foi por perceber que a filosofia que se apresenta aos alunos está completamente distante do contato filosófico, de um ensino criativo, ativo, como propõe Gallo, pôr as velhas práticas se fazer cada vez mais viva e presente na vida dos alunos e devido o professor não ser formado em filosofia, ele não tem condições de buscar outra prática, por não haver esse contato de professor com a filosofia, devido sua formação ser completamente diferente.

Segundo Gallo, o aluno não aprende como o professor, reproduzindo seus ensinamentos, mas inventa sua própria maneira de pensar, de relacionar-se com o problema, com os signos para não ficar dependente do professor e suas explicações.

O aprender é muito mais do que repetir o processo, é permitir o aluno a fazer o próprio caminho e o professor por sua vez aponta, faz a mediação do conhecimento, observa, e quando o aprendiz é capaz de andar com as próprias “pernas”, o professor deixa-o, é quando acontece a emancipação do aprendiz.

Não se trata de fazer como o professor, mas de fazer com ele. Lançar-se na água, com ele, mas se relacionando com a água, descobrindo seus signos e construindo sua própria relação. Em outras palavras, não se aprende por imitação, mas inventando sua própria maneira de relacionar-se com os signos (GALLO, 2012, P.89).

Assim como alguém não aprende apenas em contato com o professor que explica a melhor forma dele entender, mesmo que o aprendiz seja capaz de entender sua explicação, é preciso que o professor *in loco* com o aprendiz, mostrar na prática a melhor

da forma de relacionar-se com objeto e juntos cada um descobrir a melhor maneira de fazer o percurso. Da mesma forma a pessoa aprende a nadar em contato com a água, o aprendiz de filosofia não aprende a pensar apenas com a explicação do professor, a fazer como ele, imitando-o, mas inventando sua própria maneira de se relacionar com o conceito para pensar por si mesmo e quem sabe até superar o professor.

4.1 A Escola e a experiência da Residência Pedagógica.

A realização do projeto Residência Pedagógica visou aproximarmos como futuros professores da atual realidade escolar, contribuindo assim de maneira efetiva em nossa formação. Este projeto é uma forma diferente da proposta oferecida pelo estágio obrigatório, pois permite nossa participação mais intensa na escola, possibilitando assim maior familiaridade com a profissão docente, uma vez que observamos mais os diversos contextos sejam eles positivos ou negativos que envolvem o ato de aprender.

Como também permanecer mais tempo na escola para acompanhar a realidade dos professores, os desafios enfrentados por eles diante da realidade da sala de aula, as dificuldades de trabalhar com o aluno em sala, devido os vários problemas que comprometem o ensino e aprendizado, a estrutura da escola que não oferece conforto adequado a alunos e professores.

Tendo como análise a unidade escolar no geral, identificamos alguns problemas que afetam o processo ensino-aprendizagem. Dentre eles estão: problemas de infraestrutura; redução da carga horária, ensino arcaico, professores atuando fora da sua área de formação; desvalorização do professor; deficiência econômica e social.

A Escola está localizada na Região Sul em um setor periférico, “esquecida” pelo poder público. O trabalho da residência pedagógica é avaliar o contexto geral da escola, do bairro e dos alunos, como as necessidades existentes. Os residentes atuam com um olhar crítico diante dos problemas de forma geral e com orientação do professor responsável pelo projeto Residência Pedagógica e do preceptor atuam para buscar alternativas para o ensino de filosofia, como também envolver os alunos com os trabalhos práticos.

Tendo feito uma análise da unidade escolar de forma geral, identificamos alguns problemas que afetam o processo ensino-aprendizagem. Dentre eles estão: problemas de infraestrutura; redução da carga horária, ensino arcaico, professores atuando fora da sua área de formação; desvalorização do professor; deficiência econômica e social.

4.2 A infraestrutura da Escola

Percebemos a precariedade da infraestrutura, pois a parte física da unidade está depreciada devido ao desgaste do tempo e também por motivo de falta de zelo ao patrimônio público, problema esse muito comum nas unidades escolares da rede estadual, que não recebem uma reforma há algum tempo.

Dessa forma constatamos que a Escola não dispõe de uma estrutura física ideal que ofereça um conforto adequado para receber alunos e professores, comprometendo assim o ensino. As salas de aula não possuem climatização, tornando-se imensamente quentes, principalmente no turno da tarde. A temperatura interna das salas por ser muito quente afeta diretamente no aprendizado, pois os alunos perdem mais tempo saindo da sala a fim de ir tomar água e ir ao banheiro, isso provoca dispersão e atrapalha o rendimento da aula, além de atrapalhar o planejamento do professor.

A escola dispõe de apenas uma sala climatizada do 3º ano, usada também como sala de vídeo. Mesmo sendo climatizada esta sala de vídeo, não oferece um conforto adequado por ser muito pequena, dificultando até mesmo o professor em transitar dentro dela. Nas apresentações de trabalhos em sala, os alunos ficam amontoados no pequeno espaço que sobra à frente do quadro, havendo assim comprometimento nas apresentações de seminários.

As demais salas de aula possuem dois ventiladores, mas devido calor excessivo e o barulho dos ventiladores, os alunos ficam agitados, dispersos nos celulares e conversando uns com os outros, o que dificulta o professor ministrar a aula. A claridade das salas de aula também ajuda na elevação da temperatura no interior da sala, diminuindo a eficácia do ensino e dificultado até mesmo a concentração dos alunos. Isso diminui o aproveitamento dos alunos e não estimula o professor em propor aulas diferentes como: exposição de filme, documentário, vídeos entre outros.

Na unidade escolar não há um pátio coberto para que os alunos possam utilizar para recreação e socialização como um todo. Também percebemos que a escola não tem auditório para momentos cívicos, reuniões e palestras. E quando há a necessidade de reunir todos os alunos, eles se abrigam debaixo das árvores ou no único corredor estreito da escola. Sendo assim percebemos que este corredor é usado como local de socialização entre os alunos, uma vez que no “pátio” estariam expostos ao sol.

Ressaltamos ainda que o processo de acessibilidade da escola ainda é muito limitado tendo em vista sua estrutura com degraus no acesso a algumas salas. Sendo que a unidade escolar possui uma aluna da turma 13.01 que possui deficiência motora, tendo

dificuldade de exercer sua liberdade de ir e vim dentro da unidade escolar, necessitando assim de atenção especial quanto a sua locomoção.

Constatamos ainda que a cantina é bem pequena e como a escola não possui refeitório a comida é servida para os alunos no balcão da cantina. Este balcão é simplesmente uma janela da cantina, que os alunos chegam em filas vindo de suas respectivas salas recebem o lanche e ali mesmo em pé o come, sem nenhuma acomodação apropriada e de maneira rápida.

Após o lanche os alunos ocupam os corredores da escola, corredor esse cheio de escadas, ou seja, não possuindo acessibilidade. Ao lado tem uma área com terra, mas não desperta interesse nos alunos devido não ter cobertura e ser muito quente. Dessa forma os alunos conversam no corredor aguardando finalizar o intervalo para voltar às salas de aula.

Vale ressaltar que o lanche da escola é balanceado e acompanhado pelo nutricionista, a escola recebe uma verba da secretaria de educação para compra de verduras diretamente dos pequenos produtores da região, para complementar a alimentação dos alunos. Segundo a coordenadora o cardápio da escola foi escolhido pelos alunos e aprovado pela secretaria de educação, tudo dentro de um controle de qualidade nutricional.

A escola foi construída num modelo parecido com edícula num único sentido e com apenas um corredor que dá acesso para salas de aula, cantina, biblioteca, sala dos professores, secretaria, coordenação, banheiros e quadra de esporte que ocupa uma parte da lateral da escola.

Nas observações verificamos que a quadra de esporte está com pintura desgastada e possui áreas metálicas enferrujadas, não atraído o uso dos alunos para jogos, brincadeiras etc, além de oferecer riscos de acidente nas práticas de atividade física devido ao desgaste do piso.

Mesmo assim, com a falta de estrutura adequada, a quadra de esporte no verão é utilizada pelos professores como sala de aula, como forma de amenizar o calor, devido às altas temperaturas de nosso estado. Porém esse ambiente aberto provoca dispersão nos alunos, que ficam mais agitados e não conseguem prestar atenção nas aulas.

A quadra é utilizada também para apresentação de trabalhos, palestra, feira de ciências, por ser o único espaço que suporta uma quantidade maior de pessoas.

Outro departamento da unidade escolar é a biblioteca, que possui um espaço pequeno, com poucas mobílias, sendo que essas poucas foram doações da comunidade,

assim como uma parte dos livros. Identificamos que o livro de filosofia utilizado pela escola “Reflexões filosofia e cotidiano” (José Antônio Vasconcelos) foi fornecido pela secretaria de educação, mas poucos alunos tem acesso ao livro.

Segundo a professora de filosofia uma parte dos alunos não tem o livro de filosofia, por chegarem à escola depois da distribuição dos mesmos, e que os poucos que tem não trazem os livros para as aulas, não participam das aulas e tem dificuldades em compartilhar o livro com os demais para fazerem os trabalhos em grupos. Para que todos os alunos tenham acesso aos temas trabalhados em sala e participem das aulas, a professora de filosofia na maioria das vezes leva textos impressos a fim de oportunizar a participação de todos nas aulas. Esse é um grande desafio para nós futuros professores de filosofia, para despertar nos alunos com práticas filosóficas como importante na grade curricular.

Observamos na escola que a sala dos professores é pequena, mas dispõe de armário para guardar os objetos pessoais dos professores, como também mesa com cadeiras, sofá de três lugares, geladeira, ar condicionado, banheiro para os professores e dois computadores onde os professores utilizam para fazer planejamentos, lançar notas, etc.

4.3 Principais problemas do Ensino de Filosofia na Escola.

Nas visitas à unidade escolar, percebemos que há um conjunto de problemas que relacionados acarretam prejuízo ao processo de ensino-aprendizagem. Alguns dos problemas identificados relacionados à aprendizagem mais diretamente foram:

A dificuldade de leitura na fase inicial do aluno contribui para a deficiência e o desinteresse do aluno no ensino médio. Percebemos que na Escola grande parte dos alunos tem dificuldade em leitura por não ser habitual ou por não ter sido estimulado desde a infância, com isso às dificuldades tornam-se gritantes.

Nas turmas 13.02 e 13.01 dos primeiros anos, dois alunos são acompanhados por professor-auxiliar em sala para ajudá-los a entender os textos por não conseguirem fazer uma simples leitura, o que se percebe que foram “empurrados” gradativamente ao longo dos anos, muito das vezes por não terem acompanhamento dos pais e das escolas por onde passaram. Ressaltamos que essa é uma alegação da escola, porém sabemos que estes alunos deveriam ser avaliados por um psicopedagogo para identificação e classificação do problema de aprendizagem que afeta o indivíduo ou se possui um transtorno de

aprendizagem. Embora diante de qualquer verificação o ato de aprender ainda é a melhor forma de inclusão.

Diante disso vemos o quanto ainda precisamos evoluir nas nossas políticas públicas inclusivas na da rede pública de ensino, pois até a linguagem brasileira de sinais por não ser obrigatória na grade curricular deixa a margem àqueles que necessitam dela, como os surdos-mudos.

Aprender libras é importante para o convívio social não só dos alunos com essa deficiência, mas também para as pessoas que convivem com eles, percebemos isso ao observarmos uma aluna(Carol) da turma 13.02, nasceu com problema de audição e fala com dificuldades, utilizando-se da linguagem de sinais, mas muito pouco compreendida porque os professores não conseguem comunicar-se dessa forma e os alunos também não, só a professora auxiliar(Isabel) faz esse elo entre a escola e a aluna, restando a aluna a improvisação por meio de mímicas para se fazer entender aos colegas de classe.

Devido à matéria de libras não ser ofertada na grade curricular das escolas do ensino médio ainda há grandes dificuldades na comunicação do aluno surdo-mudo no ambiente escolar. A aluna com deficiência auditiva da Escola conta com apoio da professora auxiliar interprete em libras Isabel, que auxilia em sala para traduzir os conteúdos ministrados pelos professores. Essa facilitação da comunicação é essencial para aluno encontrar sentido no ato de ir à escola e sentir-se parte deste universo, mesmo enfrentando outros problemas de comunicação, pois a relação com os seus colegas ainda ocorre de forma improvisada.

Segundo a orientadora quando a aluna chegou à escola, não tinha essa profissional para atendê-la e os professores não sabiam “conversar” com a mesma, com isso ela ficava irritada e por algumas vezes eram obrigadas a chamar os pais da aluna à escola, pois ela ficava incontrolável.

Carol hoje é outra menina, ela ensina os meninos a comunicar-se com ela, às vezes ela ensina os professores alguns sinais. Ela queria que todos aprendessem linguagem de sinais (libras) para falar com ela (Depoimento da Orientadora educacional Meire).

Com base nos relatos dos professores e alunos, a presença da professora auxiliar, interprete de libras facilitou e contribuiu de maneira significativa o desenvolvimento educacional e social da aluna com deficiência auditiva fazendo-a sentir-se parte deste processo de construção do saber.

Observamos que ao longo desses processos de reflexão sobre a importância de uma melhor interação da aluna com dificuldade auditiva, a escola agiu dentro de suas

possibilidades, colocou o alfabeto de libras na parede da escola para que os alunos e professores aprendessem um pouco e fossem construindo um diálogo com ela. Segundo a professora interprete, a aluna sente muita vontade de “conversar” com todos e também apresentar os trabalhos em sala para todos entenderem, e não mais precisar de uma pessoa para traduzir o que ela fala.

4.3.1 Desvalorização do Professor

A evolução da humanidade nos fez crescer em diversos sentidos principalmente o tecnológico, mas a representação do professor como mediador do conhecimento que chega aos alunos foi perdendo a relevância, visto uma mudança de valores na sociedade. O papel do professor sempre foi diferente dos pais, pois sua função é ministrar o conhecimento, mas para que isso ocorra os valores trazidos de casa precisam favorecer essa construção. Porém não é isso que temos visto nas nossas vivências educacionais.

Ser professor em um século formado por uma sociedade imediatista é desafiador, por isso, nos deparamos com muita frequência com essa realidade na Escola, salas lotadas, alunos rebeldes e agitados tanto devido à idade em si como em relação à questão da estrutura das salas que são quentes, professores desmotivados com a prática docente por salários desfasados, métodos educacionais ultrapassados e etc.

A desvalorização do professor vai além dos fatores políticos e da precariedade salarial, estar diretamente nos próprios alunos em sala de aula e no desinteresse das famílias em participar da vida escolar do aluno. A responsabilidade fica por conta da escola por acreditar que “educar” é seu papel e não da família.

Na Escola, ouvimos inúmeros relatos de professores que já sofreram desrespeito por parte de “alunos” em sala de aula e as dificuldades que enfrentam no dia-dia. Na maioria das vezes o professor tem receio em chamar atenção do aluno por medo de sofrer agressão física, pois as agressões verbais tornaram-se comuns, infelizmente.

Nas observações em sala observamos a seguinte situação:

A professora de geografia aplicando prova em sala teve que chamar atenção de uma aluna do primeiro ano que estava a observar a prova do colega, a professora foi surpreendida com palavrões e gritos da aluna. Para contê-la a professora precisou usar sua “autoridade” e pediu para respeitá-la ou então chamaria à orientadora, ainda em sala a professora um pouco nervosa falou com os alunos sobre a dificuldade de trabalhar na

turma. Na sala dos professores, ela desabafou com os demais e todos confirmaram ter a mesma dificuldade com a aluna assim como com a turma num todo.

Está muito difícil dar aula nessa turma, aquela aluna contamina os outros e quando ela não vem para escola, os alunos ficam completamente diferentes. A professora de matemática e a de educação física, afirmaram ter as mesmas dificuldades com a turma e o desrespeito por parte dos “alunos”. (Depoimento da professora Marta).

O ambiente escolar muitas das vezes não é tranquilo, a agressividade de alguns alunos ainda é um dos problemas que intimida os professores da rede pública de ensino. Na Escoa, a professora de filosofia foi agredida verbalmente por um aluno da turma 13.02 quando chamava sua atenção no corredor da escola. Segundo a professora de filosofia(Gessica) esse aluno tem problemas com drogas e os professores não gostam muito de chamar sua atenção, por receio. Porém um aluno do 3ª ano que passava no momento do ocorrido se virou para os residentes que estavam a aguardar a professora, e falou que diante dessas situações, essa não será a profissão que pretende atuar. Situações como esta mostra que cada vez menos, nossos jovens querem serem professores no futuro.

O relato do aluno mostra que a realidade do professor não atrai e não desperta, em uma boa parte dos jovens na missão de educar, sendo essa a profissão que forma novas profissões. Percebemos dessa forma que a desvalorização da vida docente não afeta somente o professor em particular, mas aos que está a sua volta que diante dos problemas enfrentados pelos professores os jovens dificilmente optaram pelas áreas de licenciaturas.

O relato da professora mostra a realidade da vida docente, e a falta de perspectiva da vida profissional distancia quem estar ou que pretende atuar como professor. Segundo a professora de história, a gratificação de ser professora é contribuir na formação do ser humano, mas destaca que na sociedade em que vivemos isso tem sido desafiador.

4.3.2. Deficiência Econômica e Social

Os problemas sociais e econômicos que interferem no ensino e aprendizado na Escola estão relacionados ao desestímulo dos alunos no tocante a perspectivas futuras, principalmente por fazerem parte de um contexto social de baixa renda, onde a maioria das pessoas exercem atividades que necessitam de baixa escolaridade.

Na análise durante as observações em sala e nas entrevistas com professores e alunos constatamos que as famílias do bairro pertencem à classe baixa, e a maioria dos alunos da Escola são pertencentes ao setor. Esses alunos do ensino médio tem uma média

de idade entre 15 e 18 anos, e mesmo estando no Ensino Médio muitos não têm perspectivas de vida educacional e não sabem que profissão deseja exercer futuramente.

Como a grande parte dos alunos precisa contribuir nas despesas de casa, ajudando financeiramente suas famílias, muitos vão à Escola visivelmente cansados e dessa forma realizam o básico das propostas de ensino desenvolvido em sala. Sabemos que dessa forma a aprendizagem fica comprometida, mas os professores sentem-se impotentes diante da situação. E mesmo com essa dificuldade visível os professores estimulam a permanência na escola, pois sabem que muitos por ser difícil conciliar estudo e trabalho, optam pelo abandono escolar.

Segundo a orientadora (Maria) escolar o número de abandono tem diminuído nos últimos anos em comparação há anos anteriores. A orientadora ainda destaca que como a escola estar em uma região periférica e uma boa parte dos alunos serem adolescentes, é justamente nesta fase da adolescência que surge muitos problemas, e os jovens não conseguem lidar com a situação, por não saberem ou não entendem como resolver os problemas, com isso busca uma forma “fácil” e acabam a tomar rumos diferentes, abandonando a escola e ficando reféns dos perigos que rodam a comunidade.

Nas observações verificamos que a Escola desenvolve ações para conscientização dos jovens e os perigos que os cercam como: drogas, alcoolismo e gravidez adolescência. Desenvolvendo semestralmente palestras com palestrantes convidados com intuito de “despertar” nos alunos os perigos e as consequências que pode ocasionar em suas vidas.

Mesmo com o desenvolvimento de ações de conscientização ainda existem casos de drogas e gravidez na adolescência na unidade escolar. Fazendo com que a escola busque sempre alternativas para orientá-los frente aos desafios encontrados com alguns alunos que insistem em práticas contrárias a política da escola. A Escola nesse momento busca resgatar a relação escola/família que muito contribui no processo de construção do saber. Mas percebe muita resistência ou seria falta de comprometimento da família com a aprendizagem do aluno. E os alunos que mais apresentam problemas são os alunos das famílias que não os acompanham.

Segundo orientadora da Escola, houve um caso de ex-aluno que entrou na escola para levar drogas e devido os servidores conhecerem o histórico desse adolescente quando estudava na escola, foi convidado a se retirar da unidade escolar. Tempos depois a orientadora soube que o ex-aluno foi morto pela polícia. Depois desse ocorrido os alunos que eram colegas do traficante e andavam com ele ficaram com medo por um tempo,

depois voltaram a usar drogas novamente não dentro da escola, mas na esquina e às vezes na frente do colégio, que como fator negativo e preocupante tem bares em frente à Escola e isso facilita o acesso dos alunos com bebidas e drogas.

Outro fator ainda preocupante nas escolas é que um número muito grande de adolescentes engravida antes de concluir o ensino médio. No início da Residência Pedagógica na Escola havia dois casos de gravidez na adolescência, uma aluna desistiu da escola e a outra saiu de licença, e quando retornou precisava levar o bebê para sala de aula, por não ter uma pessoa disponível para cuidar da criança enquanto estava na escola, e isso comprometia o rendimento da aluna e seus colegas, pois o ambiente foge ao adequado ao bebê que possui necessidades específicas.

Os problemas relacionados a estrutura do bairro também são considerados neste trabalho, pois envolve sujeitos que compõem a unidade escolar. Identificamos alguns problemas como: a falta de infraestrutura, segurança, saúde e lazer.

Algumas ruas que ficam atrás da quadra da escola não possuem asfalto, além de ter muito declínio que dificulta o tráfego de carros e pessoas; falta de iluminação pública nas “ruas” deixam a comunidade apreensiva e acabam por evitar circular à noite. Algumas casas estão inacabadas devido às famílias não terem condições financeiras para finalizar, constrói gradualmente, além de ser perceptível que a comunidade assim como outras que estão localizadas nas periferias da cidade é esquecida do poder público.

A comunidade é rodeada de comércio, bares, vendedores ambulantes e uma boa parte dos empregos, vêm do comércio que está localizado na avenida principal do bairro. Segundo o comerciante Sr. Mário que é proprietário de um comércio próximo à Escola, a insegurança do local é muito grande e o patrulhamento policial no local não é frequente, e afirma que seu estabelecimento foi assaltado algumas vezes e por não ter posto policial no local os comerciantes e a comunidade se sentem inseguros e com medo.

4.3.3 Professores Formados em Área Distintas da Filosofia

A formação acadêmica nos habilita a trabalhar na nossa área de formação, uma vez que dessa forma abordaremos e exploraremos essa área de conhecimento. Mas nas observações identificamos na Escola que há professores ministrando aula com disciplina diferente da sua área de formação. Essa constatação foi justamente na disciplina de filosofia.

Na escola a professora de filosofia foi transferida para outra escola e uma professora formada em pedagogia assumiu as aulas de filosofia. As dificuldades que os alunos encontravam na disciplina de filosofia no tocante a compreensão dessa área de conhecimento tornou-se ainda maior. E vale ressaltar que essa professora se esforçou a fim de ministrar suas aulas, fazendo o possível para trazer os conteúdos de filosofia de forma compreensível aos alunos, mas a própria professora declarou enfrentar muita dificuldade por não ser sua área de formação. Quando questionada sobre o motivo de assumir o cargo completamente diferente da sua área de formação, ela afirmou que o desafio foi aceito devido a necessidade de trabalhar.

Em uns dos seus relatos a professora declarou que precisava estudar muito para compreender os textos e mesmo assim tinha dificuldade, devido os textos serem bem complexos. Nas aulas a professora até tentava colocar o texto de uma forma clara de acordo com seus estudos para facilitar o entendimento dos alunos, mesmo não tendo muita experiência com a filosofia, ela buscava compreender e transmitir aos alunos.

A professora também informou que a escolha da escola foi ideal porque a unidade escolar fica próxima a sua casa, pois a escola anterior onde atuava como pedagoga fica muito distante, e como já estar muito tempo atuando na educação o cansaço físico e a distância no deslocamento é muito difícil. E tudo isso contribuiu para que ela atuasse como professora de filosofia nesta escola.

A professora declarou em conversa o desafio em ministrar aula de filosofia sem a formação nesta área específica:

Olha não é fácil atuar como professora de filosofia por ser uma área diferente da minha formação, já não é fácil ministrar aula na área que somos formados, e filosofia pra mim é uma novidade, aprendo com os alunos e com vocês (Depoimento da professora substituta Joselia).

Assim como a professora existem outros professores que assumem disciplinas completamente diferentes da sua formação, e isso ocorre por motivos diversos, como pessoais e saúde. E principalmente a disciplina de filosofia fica refém dessas trocas por não ser tão bem compreendida na formação do sujeito principalmente dos sujeitos que desejamos formar no futuro. Diante dessa realidade do ensino, os alunos são prejudicados por não recebem o conhecimento de filosofia de uma maneira mais ampla, e isso acarreta também a falta de apreciação que grande parte dos estudantes têm do conhecimento filosófico.

A Escola teve um grande ganho na área do conhecimento filosófico porque durante a troca das professoras de filosofia, o Projeto Residência Pedagógica estava em

andamento e a chegada dessa professora foi sendo acolhida pelos alunos, permitindo assim que tanto a professora quanto os alunos se adaptassem, pois os residentes continuaram os trabalhos desenvolvidos com a professora de filosofia anterior.

Dessa forma os residentes propuseram aulas diferenciadas com textos filosóficos, buscando sempre trazer para a realidade do aluno a fim de facilitar o entendimento, e seguindo o calendário escolar. E segundo os feedbacks dos alunos, as aulas de filosofia começavam a ficar interessante com a chegada dos residentes na escola.

Durante uma aula (Jaqueline) na turma 13.01 em que nós residentes estávamos a ministrar a aula, uma aluna da turma ao lado pediu para assistir a aula de filosofia, pois estava totalmente interessada na abordagem filosófica desenvolvida. Isso nos motivou muito como futuros professores, pois muito mais que dá aula, precisamos inspirar construções de conhecimento.

O professor deste século precisa atuar na sua área de formação e muito, além disso, precisa propor aulas que promova a interação dos alunos, aulas diferentes, pois nossos alunos são diferentes. Embora saibamos que os obstáculos enfrentados pelos professores formados em filosofia são muitos, porém para aqueles com formação em outras áreas e que assumem a filosofia será ainda maior, por não entender a proposta da filosofia para a sala de aula.

4.3.4 Redução da Carga Horária

Há muito tempo o ensino de Filosofia vem perdendo espaço quanto à formação do currículo escolar, dessa forma na atualidade temos uma carga horária muito menor do que décadas atrás. A diminuição da carga horária de filosofia tornou a disciplina “diminuída” frente às outras áreas de conhecimento sendo que esta área é de suma importância para a vida e o crescimento intelectual do aluno.

O papel da filosofia é contribuir para formar indivíduos críticos, com pensamento conceitual diante da realidade de mundo, porém o que vemos no ensino público é formação de mão de obra, o ensino visa formar alunos que aguardam essa titulação para atuar em áreas que exijam ensino médio. Logo percebemos que o ensino médio de nossas escolas públicas estimula os alunos a concluírem o ensino, mesmo com tantos desafios, mas a exploração filosófica que devia haver, não há.

A ausência de estímulo de um pensamento filosófico nas escolas é ruim na formação intelectual, moral e social, pois os alunos saem das escolas não compreendendo

o sistema social que está inserido e isso contribui para que as classes baixas permaneçam ainda mais sujeitas a tantas desigualdades sociais, perpetuando assim o sistema de opressão.

A redução da carga horária de filosofia é uma grande perda para a construção das demais áreas de conhecimento que poderia ter a filosofia como aliada para relação conteúdo-prática, pois a filosofia é a base para a construção do conhecimento intelectual do indivíduo, pois os permite questionar, entender e refletir sobre os conteúdos que estudam. Essa área de conhecimento pode até ajudar a diminuir o ‘déficit’ de aprendizagem no ensino médio, pois os indivíduos e os professores já conheceriam suas limitações de aprendizagem.

A obrigatoriedade da filosofia nos primeiros anos da vida escolar da criança é fundamental, pois é nessa fase inicial no ensino fundamental onde as crianças começam a desenvolver-se intelectualmente, a descobrir-se e conviver uns com os outros e a entender a realidade do mundo na qual estão inseridas, porém essa é uma realidade longe de nosso país.

A redução da carga horária nas aulas de filosofia no ensino médio é uma forma de torná-la dispensável na grade curricular. Dificilmente o professor de filosofia conseguirá trabalhar todo o conteúdo, traçar proposta com apenas duas vezes por semana além do tempo reduzido das aulas que impossibilita o professor a buscar formas de aprimorar sua prática pedagógica, isso porque o professor ainda tem os desafios de recursos didáticos e infraestrutura da escola.

4.3.5 Ensino Arcaico

A inovação faz parte do século em que vivemos, principalmente com tudo que temos experimentado uma revolução tecnológica que exige que os professores também evoluam neste ritmo, mas nas observações na Escola é perceptível que muito precisa ser feito para “conectar” professor e aluno. Os alunos dessa geração são conectados e necessitam de diversidades para que se interessem pelo conteúdo. Casos contrários ficarão tediados e distraídos não propondo uma interação de conhecimento com seus colegas e professores.

A precariedade do ensino na rede pública é preocupante, na Escola, a metodologia de ensino aplicada pela professora de filosofia é antiga e não atrai os alunos que na maioria das vezes ficam dispersos, no telefone e debruçados sobre a cadeira em sala de

aula. Poderíamos classificar esse modelo de aula como professor portador do saber, sendo que a interação do conhecimento mostra resultados mais eficientes.

O conteúdo trabalhado pela professora de filosofia é somente sobre história da filosofia com questionários retirado do livro, onde os alunos “respondem” e devolve para serem avaliados. Poucos conseguem responder e devolver por não compreender o conteúdo trazido nos textos.

A proposta da filosófica desenvolvida pela professora de filosofia não é colocado de acordo à vivência do aluno e o método utilizado por ela em sala de aula não aproxima os alunos da filosofia. A falta de professores estimulados na profissão é também um dos fatores que prejudica o ensino na rede pública e distância o aluno, que nem se interessa pela profissão.

As aulas de filosofia que observamos foram direcionadas sobre a história da filosofia, oferecendo aos alunos textos para que fossem lidos e depois respondessem questionários, e mesmo assim muitos alunos apresentaram dificuldades até mesmo para formar grupos, fator esse que trata das relações sociais em sala que poderia estar sendo explorado pela professora de filosofia. Percebemos também que os alunos ficam conversando e não concluem os trabalhos, ficando por levar na próxima aula, mas ignoram o combinado, assim como ignoram a responsabilidade de levar o livro para aula, e como já foram poucos que receberam os livros, a professora improvisa com textos impressos.

As aulas adotadas pela professora de filosofia não são expositivas por não trazer o pensamento do filósofo, não é explicativa por não haver explicação do texto para “facilitar” a compreensão dos alunos e não é discursiva por não trazer textos reflexivos, problemas que façam os alunos pensar. Por ser uma única metodologia estruturalista, onde os alunos tentam entender os textos sozinhos responder os questionários, acarretando baixo rendimento nas provas realizadas bimestralmente.

Com a realização do projeto Residência Pedagógica na escola, a professora de filosofia por diversas vezes precisando se ausentar da sala deixou os residentes assumirem a sala. No princípio a agitação e desordem eram constantes, mas com um tempo e ao observarem a nova perspectiva pedagógica para as aulas, os alunos foram participando e se permitindo a aprenderem neste novo modelo de perceber o conhecimento. Dessa forma as aulas se tornaram atrativas e os residentes também estavam atentos às particularidades de cada turma, compreendendo que cada um tem um jeito de assimilar o conhecimento.

Uma das propostas da residência foi trabalhar com os alunos os textos de filosofia seguindo o currículo da escola, mas trazendo a filosofia com outras perspectivas. Com base nisso os textos desenvolvidos com os alunos pelos residentes em sala foram para aproximá-los da proposta desenvolvida pelos filósofos e do pensamento filosófico. Para isso utilizando ferramentas que faz parte do dia-dia dos alunos como: teatro, música, dança desenho, vídeo, entre outros, para assim os alunos se desenvolverem e envolverem-se de acordo com suas especificidades.

No decorrer dos trabalhos realizados com as turmas, muitos se envolveram e participaram ativamente, outros não conseguiam, mas é perceptível que de alguma forma à filosofia plantada, colheu bons frutos e impactou cada um como sujeito único.

Embora não consigamos solucionar todos os problemas aqui apresentados, a frente refletiremos sobre as contribuições que a proposta metodológica de Gallo pode fazer para enfrentamento do problema do Ensino Arcaico na Escola.

4.4 O método do Silvio Gallo como resposta para Escola

A proposta do autor nesse momento é trazer para as salas de aula, uma filosofia viva como um laboratório de conceitos², onde alunos e professores experimentem e criem os próprios conceitos. Os professores de filosofia se colocam como filósofos na aula, assim como o professor de matemática deve agir como um matemático, e juntos com seus alunos permitirem criar os próprios conceitos com base nos problemas vividos para não ficar alheio ao pensamento.

Diante de um modelo de ensino antigo, ainda adotado pelo professor de filosofia na escola, trazer a proposta de Gallo para a escola seria uma possibilidade para o desenvolvimento dos professores com novas práticas, como também aproximar os alunos realmente da filosofia por ainda haver esse distanciamento. Devido o único contato que os alunos têm com a filosofia na Escola é em forma de texto, e questionários avaliativos, uma prática de ensino que não aproxima os alunos da filosofia, ao contrário distancia-os. A proposta de Gallo para a escola seria possível se houvesse apenas professores com formação em filosofia atuando em sala de aula, pois diante da realidade fica difícil professor que não teve contato com a filosofia trazer essa proposta, para mudar essas práticas antiga de ensino e assim aproximar os alunos realmente da prática filosófica e da

² Laboratório de Conceitos; onde todos possam pensar, exercitar o pensamento e não fazer da sala de aula uma espécie de Museu.

filosofia. Por ainda não ter uma familiaridade com a filosofia, devido às velhas práticas adotadas pelo professor ser “relevante” ao ensino de filosofia, o professor não propicia outras práticas e se acomoda apenas nesse modelo, por entender ser a única forma possível para a filosofia, distanciando os alunos do filosofar.

Devido às dificuldades presentes na Escola, seja em suas estruturas ou em vários outros fatores que dificulta a prática do ensino de filosofia, não pode o professor esperar melhorias da escola para trazer uma proposta de um ensino ativo de filosofia. Por essas dificuldades fazer parte de muitas escolas públicas de ensino, cabe ao professor mudar a realidade de um ensino antigo de filosofia, ultrapassado e que se faz presente até os dias atuais. Mesmo com todas essas dificuldades fazer-se presente nas escolas, não às impede de o professor trazer para sala de aula uma filosofia viva, ativa, onde os alunos tenham prazer em está nas aulas de filosofia. É responsabilidade do professor de mudar, e propor práticas para um novo ensino de filosofia e não ficar aquém diante desse modelo desinteressante, e não sujeitar a ser apenas mais um em sala de aula, diante das mesmas práticas, mas sempre busca outras perspectivas e fazer a diferença para o ensino de filosofia.

O aprender é um mistério, fruto de encontros ao acaso. O aprendizado é da ordem do acontecimento, daquilo que não pode ser controlado, medido, circunscrito. Podemos construir todos os esforços para ensinar e controlar o que e como alguém aprende, com o auxílio de métodos, políticas públicas, coerções, provas e exames. Mas o aprender escapa, o aprendiz devaneia e encontra caminhos outros, diferentes. O aprendiz pensa, produz, aprende, para além e apesar de todos os métodos. Mas não esqueçamos: por mais que seja um devaneio e uma fuga, há uma disciplina, um adestramento do aprendizado, sem o qual ele não é sequer possível. Mas essa disciplina do pensamento é construída pelo próprio aprendiz, no ato de pensar (GALLO, 2012, P.88).

Uma filosofia baseada em um método para ser desenvolvido e aplicado é contrária à proposta filosófica, devido não ter sentido, não levar o jovem ao pensamento original, pois o método tem como base a orientação do mestre e conduzido com seus ensinamentos, explicações para o aprendiz. Contudo corre o risco de um ensino enciclopédico, uma forma de adestrar o jovem e mantê-los como um instrumento de controle.

O aprendiz é capaz de pensar e produzir através dos seus acontecimentos, do encontro com o problema e serem mobilizados a pensar, buscar saídas para entender, enfrentar e problema.

Um ensino emancipatório onde o professor entende que não pode explicar tudo, por não saber de tudo, ele precisa desaparecer para nascer um novo filósofo. Assim como fez Sócrates, mesmo com sua sabedoria ele nega o saber, para proporcionar conhecimento

de outrem, por entender que todos são dotados de inteligência e capazes de pensar por si mesmos.

Na “oficina filosófica” que se torna a aula nessa dimensão, cada aluno procurará então, manejando essas diferentes ferramentas, recriar conceitos ou mesmo criar novos conceitos que possam iluminar o problema colocado. Produzir o acontecimento, por meio dessa experiência, dessa aventura do pensamento, criando conceitos que sejam importantes, interessantes e instigantes, pelo menos para aqueles que ali estão: nisso consistirá a aula de filosofia, se tomarmos a perspectiva de filosofia proposta por Deleuze e Guatarri como elemento norteador de nossa prática de ensino (GALLO, 2012 ,P.94)

Um ensino ativo que convide o estudante a aprender praticando, experimentando, a criar novos conceitos, seja com base no próprio problema, ou recriando conceitos criados por filósofo para pensar nos problemas reais, onde o professor possa perceber a importância da filosofia prática para a vida dos alunos e assim despertar o interesse dos mesmos nessa filosofia. Uma filosofia onde o professor esteja aberto a novas práticas de ensino e os alunos dispostos a aprender.

Mesmo tomando como base um novo ensino de filosofia para o ensino médio, é preciso que os jovens tenham contato com história da filosofia, de forma direta ou indireta, mas é preciso que conheça a história da filosofia para que os mesmos possam produzir conceitos, pois a história da filosofia é como uma bússola que os direciona no caminho a ser trilhado para chegar aos problemas.

Penso ser esse um dos principais desafios que se colocam hoje para as atividades de prática de Ensino de filosofia, para a produção em torno de didáticas da filosofia. Precisamos escapar das malhas do método da explicação, que nos leva a sermos reprodutores do mesmo, mantendo esse círculo vicioso que nada transforma que apenas ensina, quem sabe, aquilo que mesmo Nietzsche chamou de “desprezo pela filosofia” (GALLO 2012, P.139).

Dentre as várias formas relatadas até aqui de um ensino ativo de filosofia, o professor pode utilizar o método regressivo partindo da história da filosofia, dos problemas vivenciados pelos filósofos e trazer para a realidade dos alunos, onde cada um experimente o próprio movimento do pensamento filosófico.

O conceito, criação racional, pode ser apreendido, aprendido, compreendido. Já o problema que mobiliza o pensamento, por ser sensível, pré-racional, não pode ser compreendido. A proposta contida neste capítulo é a de um “método regressivo”: a partir de um conceito ou conjunto de conceitos criados por um filósofo, regredir ao problema ou problemas que o levou (aram) a cria-lo. E, mediante a realização desse movimento regressivo com os estudantes, dar a eles o “direito a seus próprios problemas”, habilitando-os a fazerem eles mesmos o movimento de pensamento e criação filosóficos. Em outras palavras, propõe-se aqui o método para o ensino de filosofia que seja emancipador, que ofereça a cada um as ferramentas para pensar por si mesmo (GALLO, 2012, P.107).

Com isso, os alunos diante do problema fazem o movimento de pensar por si mesmos, ou seja, o ensino de filosofia aqui colocado é com base no processo emancipatório em que os alunos diante do problema são forçados a pensar por si mesmo a criar conceito.

4.4.1 Sensibilização, Problematização e Conceituação.

A filosofia do conceito é um exercício de paciência que o professor deve insistir com seus alunos, para que os mesmos em contato com os problemas pensem, crie e produzam saídas. E quando esse professor não centraliza o ensino de filosofia, em transmissão de conteúdo, enciclopédico, historicista, permite os alunos a trilhar outros caminhos, ou o próprio caminho. O autor propõe práticas para o professor utilizar em suas aulas e de alguma forma trazer o aluno para perto, para que o mesmo possa criar ou recriar com base no pensamento conceitual, como: sensibilização; problematização; investigação e conceituação.

Sensibilização: permite o professor trazer para sala de aula temas que chame atenção do aluno, faça-lo sentir na pele, e de alguma forma afetá-los com base nos acontecimentos reais, ou seja, pode o professor trazer objetos de uso filosófico que faça parte do universo dos alunos, falando a mesma língua de acordo com seu cotidiano. Para que em contato com o problema, os alunos possam sentir na pele e partir deles criar os próprios conceitos. Para essa proposta o professor irá utilizar matérias tecnológicas ou não que faça parte do cotidiano dos alunos. Seja uma música, um poema, um quadro, um conto, um curta metragem ou até mesmo desenho animado, ou mesmo uma charge, de acordo com o tempo-aula.

Problematização: O professor propor temas para problematizar com os alunos sala, com problemas que faz parte da realidade e assim juntos professores e alunos buscarem meios para entender. Nesse momento o professor promover “discursão”, com perguntas, questionamentos, com base no tema a ser trabalhado, porém tomando cuidado com as opiniões prontas por distanciar do pensamento filosófico.

Investigação: Nesse momento o professor com os estudantes deve apropriar-se de elementos na história da filosofia que foram desenvolvidos pelos filósofos, para encontrar solução, compreender e pensar nos problemas atuais.

Conceituação: O professor com seus alunos propor a criar novos conceitos ou utilizar os conceitos já criados pelos filósofos, para comparar com os problemas reais, procurar na história da filosofia os problemas que possa relacionar com atuais. Porém

percebendo a modificação sofrida do tempo, ou seja, os problemas vividos pelos filósofos que pode até ser os mesmos da atualidade, porém modificados para adequar-se a modernidade, para criação de novos conceitos.

Segundo o autor são apenas orientações, exemplos, para o professor organizar suas aulas de acordo com sua carga horária, a proposta do autor é apenas guiá-los, possibilitando novas propostas para realizar diferentes aulas de filosofia. Com intuito de fugir das aulas padronizadas, mecanizadas que faz parte da sala de aula até os dias atuais. O professor pode trabalhar com textos a escolher, mas sempre visando chegar ao processo de conceituação, uma forma de convidar os estudantes a pensar conceitualmente e estimular a pensar nos problemas.

Novo ensino totalmente filosófico, onde os estudantes desenvolvam a criação conceitual, com temas que fazem parte do cotidiano ou tomando como exemplo os acontecimentos históricos dos filósofos para tratar os problemas do cotidiano. O autor traz várias propostas de temas e uso tecnológico que faz parte da vida dos alunos, uma forma de melhorar o trabalho do professor e assim aproximar, chamar atenção dos alunos para o contato direto com a filosofia.

O problema, aquilo que nos força a pensar, é um encontro, um acontecimento que se produz no âmbito da sensibilidade, não da racionalidade. O problema- tal como pensado na matemática- só é racional em segunda instância. Quando um problema é equacionado, ganha uma forma lógica, ele já traz em si sua solução; mas o problema de primeira ordem, do qual fala Deleuze, é pura sensibilidade, nada tem de racional e não aponta para qualquer solução (GALLO, 2012, P.109).

Não escolhemos nossos problemas, nem muito menos inventamos, ele acontece é singular, objetivo, parte da experiência do sensível. O problema é o esforço do pensamento é o que permite sentir deparados com os acontecimentos, o incomodo do acaso, incomodados pensamos e procuramos respostas. E na maioria das vezes essa busca por respostas para sair ou entender o problema não é respondido e nem explicado de imediato.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, propomos desenvolver a análise, através do Residência pedagógica, como a prática de ensino de filosofia vinha sendo implementada em uma escola Estadual do município de Palmas – TO em que foi possível percebermos a prática arcaica, baseada apenas no uso do livro didático e método historiográfico de professores não formados na área. E por esse modelo antigo estar presente nos dias atuais, decidimos então trazer como um problema, pois vejo como um problema devido, não proporciona os alunos uma filosofia viva, mas ao contrário essa prática deixa um “vazio”, quem e leva aos alunos a crer que a filosofia é apenas isso.

A Residência Pedagógica exige mais tempo do que o estágio obrigatório, foi o suficiente para acompanharmos de perto os problemas existentes como um todo, dentre eles o modelo de ensino antigo adotado pelos professores, isso foi um incômodo ao percebermos que essas práticas não atraem os alunos para a filosofia.

E isso fez com que nós repensássemos no profissional que pretendemos ser para não repetirmos os mesmos erros que presenciamos enquanto alunos e na formação acadêmica. Por esse modelo ser o único possível por muitos professores em sala, a filosofia infelizmente ainda é voltada para modelo histórico e na maioria das vezes a aula deixa a desejar, sem motivação os alunos não gostam de filosofia, por entender que é apenas o que está sendo colocado e como vem sendo apresentado a ela.

Assim percebemos que as práticas continuam as mesmas e sem interesse algum dos alunos para a filosofia, por esta estagnada de alguns anos atrás. Procuramos então entender o problema da filosofia e propor práticas que envolva, aproxime e desperte o interesse para a filosofia. Quando fomos apresentados ao método do Gallo, percebemos que a problemática por ele vivida enquanto aluno, era a mesma que estávamos presenciando e decidimos então trazer como fonte de desta pesquisa.

Com Gallo percebemos que era possível trazer uma filosofia diferente, uma filosofia que aproxime os alunos realmente da filosofia, com práticas que os envolva do contato filosófico, para que eles conheçam a filosofia e possam ver a filosofia com olhar diferente. Minha expectativa como professora de filosofia é apoiar na proposta de Gallo e aprofundar em sua metodologia e propor novas perspectivas para a filosofia em sala aula. Diante da realidade presenciada, não pretendemos repetir os mesmos erros, as mesmas práticas de ensino que vem sendo colocada para os alunos na rede pública de

ensino, mas propor uma nova filosofia, onde os alunos tenham contato com a filosofia e percebam a importância de a filosofia se fazer presente e necessário.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GALLO, Sílvio. **Metodologia do Ensino de Filosofia**. Uma didática para o ensino médio
Campinas, SP: Papirus, 2012.

SEVERINO, A **Filosofia na Formação do Jovem e a Ressignificação de sua
experiência existencial**.

<https://filosofiapibidufabc.files.wordpress.com/2011/09/severino.pdf>. Acesso em
[23/11/2020](#) às 15h32min

SOUSA, Tecnologias Digitais na Educação [https://www.amazon.com.br/Tecnologias-
digitais-educa-Robson-Pequeno-ebook/dp/B00MMLK47E/ref=pd_rhf_ee_p](https://www.amazon.com.br/Tecnologias-digitais-educa-Robson-Pequeno-ebook/dp/B00MMLK47E/ref=pd_rhf_ee_p) ; acesso em
20/11/2020 as 17h20min.

PIMENTA, Alessandro. **O Ensino de Filosofia e o Ato de Filosofar**.

<https://core.ac.uk/download/pdf/231278978.pdf> Acesso em [25/11/2020](#) acesso às
10h30min.

ASPIS, **O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como
experiência filosófica**. <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n64/22832.pdf> Acesso
em [25/11/2020](#) as 16:40

PORCHAT, Oswaldo. **Discurso aos estudantes de filosofia da USP sobre a pesquisa
em Filosofia**. <https://www.revistas.usp.br/dissenso/article/view/105216>, acesso em
25/11/2020 às 14h45min.